

Trabalhos em Linguística Aplicada  
Número 9, 1987  
Páginas 91 - 95

## E OS ALUNOS GOSTAM DE LER E DE ESCREVER...

Ynah de Souza Nascimento Abejdid  
Colégio de Aplicação - UFPE

"Nunca mais a gente teve aula de Português; a gente brinca o tempo todo"  
(aluno da 5a. B, 1985)

### I. Apresentando

Professora do Colégio de Aplicação da UFPE, recebo, durante o ano letivo, os licenciandos em Letras da Faculdade de Educação dessa Universidade.

Eles têm a tarefa de observar o Trabalho dos professores para, posteriormente, cumprir sua prática de aula. Minha situação de "modelo a ser seguido" (apesar de alertar aos licenciandos da inexistência de professores-modelo) me obriga a questionar, a todo momento, minhas posições teóricas e minha prática dentro do ensino de Língua Portuguesa, porque queria trabalhar de forma diferente, num clima descontraído, porque olho o aluno como um ser inteligente, capaz de raciocinar, porque defendo a idéia de que quem decide e escolhe o material a ser trabalhado e a forma de trabalhá-lo só pode ser o PROFESSOR, ano passado (1985), iniciei um Projeto de Pesquisa, financiado pela UFPE que propõe algumas idéias diferentes dentro do ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa.

### II. Mudando o quê?

"Viver a alegria de ser um eterno aprendiz" (Gonzaguinha)

Geralmente, o professor de Língua Portuguesa age de três formas:

- 1) Em relação à leitura - determina qual o livro extraclasse a ser lido por toda a turma e avaliado num teste;

- 2) Em relação à redação - fornece temas aos alunos no início da aula e o aluno escreve (ou, pelo menos, tenta) a aula toda;
- 3) Em relação à gramática - apresenta fatos isolados de um contexto real, restando ao aluno a tarefa de decorar regras.

Nosso trabalho propõe, sempre que possível, situações reais de comunicação, onde o aluno: a) executa a ação de ler porque sente prazer ou necessita da leitura para realizar outras tarefas; b) escreve porque quer comunicar-se com alguém; c) sistematiza as regras gramaticais que utiliza em seu desempenho lingüístico. Assim agimos porque:

- 1) a imposição da leitura de um único livro para toda a turma fere vários princípios, entre eles o da escolha individual, que deve ser exercitado;
- 2) a restrição do ensino de redação à estipulação de um tema é outra agressão. A escrita é um processo que implica em três elementos: autor - texto - leitor. Processo gerado pela necessidade de alguém (autor) comunicar algo (através do texto) a alguém (leitor);
- 3) O estudo de fatos lingüísticos isolados de um contexto real passa, para o aluno, a falsa idéia de que ele - aluno - não utiliza tais fatos em seu desempenho lingüístico, privando-o de refletir sobre o seu uso de língua.

Adotamos, em nosso trabalho, os objetivos de língua materna propostos por Halliday (1974). Para ele há três tipos de ensino ou abordagem da língua: o produtivo, o prescritivo e o descritivo.

"O ensino produtivo da língua é um ensino de novas habilidades. Inclui (...) certos aspectos do ensino de língua materna, dos quais talvez os mais salientes sejam o ensino da leitura e da escrita. O ensino prescritivo da língua é a interferência com as habilidades existentes, tendo em vista substituir um padrão de atividades, já adquirido com sucesso, por outro, (...). O conceito de "prescritivo" inclui o de "proscritivo" pois cada "faz isto" (...) implica um "não faça isto" (...). O ensino descritivo da língua é a demonstração do modo como a língua funciona, compreendendo falar de habilidades já adquiridas, sem procurar alterá-las, porém mostrando como podem ser utilizadas" (Halliday, p.260).

Nosso trabalho enfatiza o ensino produtivo, trata funcionalmente a língua e reduz quase totalmente o ensino prescritivo, mostrando ao aluno que as diferen-

ças determinadas pelo uso são consequência das diferentes funções realizadas pela fala e pela escrita.

### III. Praticando

"Ynah, o que a gente vai cobrar na prova de etapa se não ensinamos gramática?" (licenciando, estagiário da 5a. B - 1985)

A primeira preocupação do licenciando que chega à minha sala é saber qual o livro didático adotado. Qual não é a sua surpresa quando constata que os alunos trabalham sem manual didático. Muitos se afligem porque estão acostumados a ver e a sentir na pele um ensino dependente exclusivamente de um livro, onde o professor exerce o papel de "mero intermediário" do saber do autor do manual. Quase sempre escuto deles: Como dar aulas?

Se nos aprofundarmos nas causas do desespero desses licenciandos, acostumados a ver no livro o início, meio e fim do processo ensino/aprendizagem e a ver nos alunos simples receptores dos conhecimentos intocáveis do livro, tento explicá-lhes que o professor deve ser o agente de sua própria ação pois só assim poderá mudar sua forma de agir pela "real compreensão de uma falha em sua teoria da aprendizagem" (Kato, p.8) e não porque houve fracasso nas provas ou surgiu uma nova moda didática.

Por acreditar que o professor deve agir - selecionando os conteúdos relevantes e adequados aos seus objetivos, escolhendo a melhor forma de apresentar esses conteúdos a sua turma; por acreditar que o aluno é elemento ativo do processo ensino/aprendizagem exercendo sua criatividade e sua crítica nas atividades de leitura e redação, sistematizando, nas atividades de gramática, as regras que utiliza quando ouve, lê, fala e escreve; por não ter ainda encontrado livro que atendesse às minhas exigências, explico aos licenciandos (alunos e pais) que não uso manual didático.

#### a) Leitura

Quando trabalharmos leitura nosso objetivo maior é, primeiro, despertar no aluno o gosto pela leitura e, a partir daí, levar esse aluno a adquirir o hábito de realizar uma leitura crítica do material que o cerca. Nosso aluno, no 1º semestre, escolheu, em cada etapa, o livro que queria ler entre vários sugeridos por mim. Organizamos atividades onde os próprios alunos avaliavam suas leituras e se atribuíam conceitos. A turma ficou tão envolvida nessas atividades que, apesar de não serem obrigados a ler, quase todos trocavam livros e liam tudo. Essa atitude me animou a organizar, no 2º semestre, uma Biblioteca de Classe.

Nos primeiros dias do mês de agosto, a turma recebeu uma lista de títulos de livros e cada aluno ficou responsável por conseguir um título, fazer sua leitura e apresentar, oralmente, à turma, sua opinião. No início de setembro, os alunos

apresentaram suas exposições orais e os livros passaram a ser emprestados entre eles (e depois, a pedido, alunos de outras turmas pegaram livros também).

Tive medo, confesso. Achava que os alunos não iam ler, nem eu teria condições de avaliá-los em leitura. Mas... deu certo. Todos liam muito e nos tornamos colegas de leitura porque eu também pegava livros na biblioteca da sala. Outros livros se somaram à lista inicial e uma gibiteca foi formada - todo mundo tinha gibi para emprestar.

A experiência continua neste ano de 1986 por imposição dos alunos e isto é o melhor resultado que eu poderia ter.

## b) Redação

Meu maior objetivo quando trabalho redação é eliminar o medo que os alunos têm de escrever, de se expor. Procuro despertar-lhes o desejo de escrever na medida em que queiram registrar e expor suas idéias. Nosso trabalho em 1985 pode ser dividido em três fases: sensibilização, redação e confecção dos livros.

Na sensibilização, exercitamos sequência lógica de histórias, dramatização e criação de personagens, debates, narrações orais, redações de textos em 1ª pessoa.

A partir de agosto iniciamos a fase de redação. Cada aluno escolheu um dos personagens criados na fase de sensibilização e passou a escrever o diário desse personagem. Essas "páginas de diário" eram apresentadas à turma, que criticava o trabalho, sugerindo acréscimos, modificações ou adaptações do texto, à linguagem formal. Os textos escolhidos eram recolhidos, corrigidos com um código e devolvidos aos alunos que, mediante consulta a dicionários, reescreviam os textos. Com esse trabalho de reescritura ficou claro para os alunos que

- 1) um texto pode e deve ser trabalhado quantas vezes for necessário;
- 2) a produção de textos escritos não é privilégio de escritores farrosos, mas é o resultado, mesmo para esses escritores, de um construir/reconstruir, muitas vezes demorado.

A última fase do trabalho foi a confecção dos diários dos personagens. Utilizando papel ofício, hidrocor, revistas, os alunos escreveram o texto à mão e ilustraram seus livros. Aos alunos que não queriam desenhar de forma alguma, foi sugerido que utilizassem gravuras de revistas.

Os alunos avaliaram, ao final do ano, as aulas de redação. Gisele Cristina escreveu: "Foi ótimo, apesar de cansativo. Para fazer era legal, podia até tá no banheiro, mas parava de tomar banho e ia fazer aquela idéia que me dava na cabeça".

### c) Gramática

Nosso objetivo maior foi levar o aluno a comparar fatos gramaticais da fala e da escrita, num trabalho de análise linguística sistematizando as regras que utilizamos ao falar, ouvir, ler e escrever. Nossa tarefa foi orientar o aluno a fim de que ele observasse, analisasse e concluísse, sempre exercendo seu pensamento crítico, sem decorar regras ou listas.

Ficou fixado que trabalharíamos fala e escrita, mas nossa atenção maior seria o registro culto da modalidade escrita porque é o domínio desse registro que facilita a participação do sujeito nas mudanças sociais.

### IV. Concluindo?

Não acredito em receitas mágicas para a escola. Como professora, desconfio da eficácia de se tentar copiar modelos bem sucedidos em realidades outras. Cada realidade é uma, assim como cada professor, cada turma, cada aluno.

Meu trabalho - uma experiência - não se encerra com esse relato; ele continua e se transforma sempre que começo uma nova aula. Enquanto arrisco, inovo e encorajo o surgimento de mudanças.

---

### BIBLIOGRAFIA

HALLIDAY, M.A.K. et alii. As ciências linguísticas e o ensino de línguas. Petrópolis, Vozes, 1974.

KATO, Mary. No mundo da escrita; uma visão psicolinguística. São Paulo, Ática, 1986.